



“America First”

Pensando enquadramentos discursivos da segurança ontológica na era Trump

Bruna B. Soares

Sobre a autora:

Bruna B. Soares é mestranda em Relações Internacionais pelo IRI da PUC Rio, e tem como principais interesses de pesquisa a extrema-direita estadunidense e os estudos críticos de segurança.

Editor: Daniel Oppermann



Licença Creative Commons

Atribuição + NãoComercial + SemDerivações

Essa publicação possui a licença Creative Commons CC-BY-NC-ND. Ela pode ser compartilhada por qualquer indivíduo. Somente sem fins lucrativos.

Os argumentos e opiniões presentes neste Working Paper, assim como os gráficos, imagens, citações e referências são de exclusiva responsabilidade dos autores e não representam o pensamento dos editores, do NUPRI ou da Universidade de São Paulo.



Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais
Universidade de São Paulo
Rua do Anfitheatro 181
Colméia Favo 7
Cidade Universitária
05508-060
São Paulo, SP
Brasil

<https://www.nupri.com.br>
<https://nupri.prp.usp.br>

Resumo

A pesquisa visa conduzir uma exploração acerca do discurso do então presidente estadunidense Donald Trump durante o primeiro ano de seu mandato, entendendo-o enquanto responsável por aprofundar inseguranças ontológicas através de uma narrativa focada em crises e ameaças interna e externamente dadas à coesão e identidade coletiva daquilo que Trump e seus apoiadores entendiam como “América”, gerando um processo de securitização (Buzan, Wæver e Wilde 1998). Para tal, proponho o uso conjunto das teorias de securitização e de segurança ontológica, com enfoque em dois discursos emblemáticos da era Trump, onde são definidas algumas das principais diretrizes de sua administração em relação ao que ela considerava como as questões mais urgentes daquele momento, com enfoque para o “problema” da migração (Trump 2018). Ao lidar com temas como a imigração ilegal, argumenta-se que Trump instrumentaliza a noção de (in)segurança ontológica de seus eleitores através de caracterizações e denúncias reiteradas de imigrantes enquanto ameaças à suposta ou almejada coesão interna da nação estadunidense. Devido ao seu apelo direto e frequentemente emotivo à ideia de uma identidade nacional primordial norte-americana, o imaginário de segurança enunciado por Trump em seus discursos requer necessariamente uma abordagem teórica que contemple a segurança ontológica e, conseqüentemente, o valor simbólico e afetivo de reivindicações políticas de extrema-direita na contemporaneidade, cuja notável adesão requer exploração mais aprofundada.

Palavras-chave: Securitização, discurso, segurança ontológica, Trump, EUA

Introdução

O presente artigo visa lançar luz sobre o caráter do discurso do então presidente estadunidense Donald Trump durante o início de seu mandato, entendendo-o como responsável por aprofundar inseguranças ontológicas através de uma narrativa focada em crises (“*crisis-talk*”¹) e ameaças interna e externamente dadas à coesão e identidade coletiva daquilo que Trump e seus apoiadores entendem como “América”, gerando um processo de securitização. Para tal, proponho o uso conjunto das teorias de securitização e de segurança ontológica, com enfoque em dois discursos emblemáticos da era Trump: o *Inaugural Address* (20 de Janeiro de 2017) e o *State of the Union Address* (30 de Janeiro de 2018) onde são definidas algumas das principais diretrizes de sua administração em relação ao que ela considerava então como as questões mais urgentes daquele momento, dentre as quais apresenta-se o “problema” da migração (Trump 2018), enquadrado pelo ex-presidente como principal ameaça ao *ethos* estadunidense. Desta forma, viso analisar ambos os discursos à luz das abordagens teóricas escolhidas e descrever quais são os elementos principais do processo de securitização enunciado por Trump, que tem como objeto referente a segurança ontológica daquilo que o ex-presidente entendia enquanto “América” e seus respectivos valores, direitos e liberdades.

Abordagem teórica: Securitização

Seguindo um contexto de alargamento dos estudos de segurança internacional, a teoria da securitização emerge nos anos 90, tendo como principal obra o livro “*Security: A New Framework for Analysis*”, por Buzan, Wæver e de Wilde. Se nas abordagens tradicionais à segurança, o conceito de ameaça era tido como objetivo e externamente definido em relação ao Estado nacional, a abordagem da Escola de Copenhague desloca esse entendimento ao descrever securitização como ato de fala, utilizando-se da teoria da linguagem para falar sobre a construção e a manipulação de ameaças. Desta forma, podemos considerar a securitização enquanto processo essencialmente intersubjetivo e determinado pelos atores em questão, e não enquanto algo dado objetivamente (Buzan, Wæver e Wilde 1998, pp. 30–31). Como bem sintetiza Wæver em “*Securitization and Desecuritization*”, “[i]n this usage, security is not of

interest as a sign that refers to something more real; *the utterance itself is the act*. By saying it, something is done (as in betting, giving a promise, naming a ship). By uttering ‘security’, a state-representative moves a particular development into a specific area, and thereby claims a special right to use whatever means are necessary to block it.” (Wæver 1995, p. 45, ênfase adicionada).

Aqui, “*utterance*” se refere ao ato de fala em questão, ao ato de enunciar determinada situação em termos de segurança e o peso político, simbólico e mesmo material que essa enunciação é capaz de mobilizar. Assim, temos segurança como prática autorreferencial onde, através da prática ou enunciação, um assunto torna-se questão de segurança, não necessariamente porque uma ameaça existencial realmente existe, mas porque a questão foi colocada como tal. Através desse movimento, um tema é removido da política e levado a um âmbito além dela, como uma versão extrema de politização (Buzan, Wæver e Wilde 1998, pp. 23–24), onde decisões sobre o assunto estão sujeitas a menos deliberação democrática e políticas de exceção podem ser adotadas como forma de lidar urgentemente com uma ameaça existencial ao objeto referente.

Isso nos leva a outro ponto importante para a formulação e instrumentalização da teoria: a questão do objeto referente. Se em teorias clássicas como o realismo político o objeto referente da segurança é necessariamente o Estado, o processo de alargamento do campo lança luz sobre outras possibilidades, e a teoria da securitização permite que outros objetos passíveis de ameaça sejam levados em consideração. Sumarizando, a teoria então concebe que, para que haja um processo de securitização, é preciso que tenhamos alguns componentes claros: ameaças existenciais, ação emergencial e efeitos nas relações entre as unidades através da quebra das regras (Buzan, Wæver e Wilde 1998, p. 26). Além disso, é importante compreender que o processo de securitização não é completo até que uma audiência o aceite como tal, endossando o enquadramento discursivo através do qual se localiza uma ameaça existencial a um objeto referente que requer medidas de exceção para sua defesa urgente.

Sobre as implicações desse processo, os autores argumentam ainda que: “National security should not be idealized. It works to silence opposition and has given power holders many opportunities to exploit ‘threats’ for domestic purposes, to claim a right to handle something with less democratic control and constraint. Our belief, therefore, is not ‘the more

¹Ver Homolar e Scholz (2019) ou Homolar (2021) para um olhar atento à retórica singular de Trump através das lentes da segurança ontológica.

security the better'. Basically, security should be seen as negative, as a failure to deal with issues as normal politics. Ideally, politics should be able to unfold according to routine procedures without this extraordinary elevation of specific 'threats' to a pro-political immediacy (Buzan, Wæver e Wilde 1998, p. 29).

Esse é um ponto importante, na medida em que enfatiza a dimensão política da securitização e as implicações de elevar um problema a um âmbito de deliberação que se encontra além da "política normal", ainda que mesmo essa noção também seja problematizada no âmbito dos estudos críticos de segurança.²

Por fim, algo também precisa ser dito acerca da constituição de ameaças à luz da teoria da securitização e o que pode vir a ser entendido ou não como tal. Nesse sentido, tomo a obra *Writing Security* de David Campbell como base, partindo do argumento de que o perigo não é uma condição objetiva, e portanto não existe independentemente daqueles para quem ele pode vir a se tornar uma ameaça; com isso, o autor enfatiza a importância primordial da dimensão interpretativa existente na definição de ameaças, onde a mera existência de um modo alternativo de ser, cuja presença exemplifica que diferentes identidades são possíveis e, assim, desnaturaliza a reivindicação de uma única identidade como a verdadeira identidade, às vezes é suficiente para produzir a compreensão de uma ameaça (Campbell 1998, pp. 1–3). Em sua abordagem ao conceito de risco, Campbell esclarece que seu argumento: "[It] does not deny that there are 'real' dangers in the world: infectious diseases, accidents, and political violence (among other factors) have consequences that can literally be understood in terms of life and death. But not all risks are equal, and not all risks are interpreted as dangers. [...] Those events or factors which we identify as dangerous therefore come to be ascribed as such only through an interpretation of their various dimensions of dangerousness. Moreover, that process of interpretation does not depend upon the incidence of 'objective' factors for its veracity." (Campbell 1998, p. 2, ênfase adicionada).

Concluindo, a securitização e seu entendimento acerca do conceito de ameaça oferecem uma ferramenta viável para a análise de circunstâncias onde o papel da narrativa é fundamental, como é o caso dos discursos proferidos por Trump e o imaginário de segurança populista (Löffmann 2022) que eles

produzem. Entretanto, para o propósito da pesquisa aqui desenvolvida, o uso de outra abordagem teórica se faz necessário: na seção que segue, pretendo contextualizar e sumarizar brevemente a teoria de segurança ontológica em Relações Internacionais, visando pensar como podemos fazer sentido da identidade estadunidense mobilizada por Trump, entendida aqui como objeto referente da securitização. Em outras palavras, a segurança ontológica daquilo que Trump e seus apoiadores entendem como "América" é aquilo que se encontra sob ameaça no processo de securitização enunciado pelo ex-presidente e, por esse motivo, requer atenção mais cuidadosa, como veremos a seguir.

Abordagem teórica: Segurança ontológica

O conceito de segurança ontológica tem sua origem na psicanálise de R. D. Laing (1990) e é trazido para a sociologia por Giddens (1991), que reflete o contexto de contingência e inconstância da modernidade e a tensão entre segurança e insegurança ontológicas gerada por ele, onde o papel das rotinas é enfatizado na busca dos indivíduos por estabilidade e previsibilidade tanto em seus cotidianos como em suas próprias identidades, havendo portanto uma relação intrínseca entre ambas essas esferas. Num terceiro momento, esse conceito é trazido para a disciplina de RI num contexto de crítica à ideia do Estado como ator racional e como objeto referente único da segurança. Assim, essa é uma abordagem que desloca o enfoque para indivíduos, sociedades, grupos humanos, ou mesmo Estados, se propondo a pensar a relação entre segurança e identidade, na medida em que concebe segurança ontológica enquanto a segurança de "ser". Nesse sentido, Mitzen (2006) lança luz sobre a utilidade do conceito para pensar a área de Relações Internacionais: "I argue that physical security is not the only kind of security that states seek, and show how this changes our thinking about the dilemma states face and the tragedy of world politics. Specifically, I propose that states also engage in ontological security-seeking. Like the state's need for physical security, the need for ontological security is extrapolated from the individual level. Ontological security refers to the need to experience oneself as a whole, continuous person in time — as being rather than constantly

²Essa é uma observação relevante para o presente trabalho, na medida em que, se por um lado não é o meu objetivo apresentar uma revisão de literatura do extenso debate acerca da teoria da securitização e suas críticas, por outro, parece importante reiterar que as teorias escolhidas para esse trabalho de pesquisa, assim como quaisquer outras, não carecem de contestação e debate dentro dos estudos críticos de segurança. Sobre as críticas à teoria da securitização e sua concepção de uma política supostamente "normal", ver Moffette e Vadasaria (2016) e Howell e Richter-Montpetit (2020).

changing — in order to realize a sense of agency (Giddens, 1991; Laing, 1969: 41–2). Individuals need to feel secure in who they are, as identities or selves.” (Mitzen 2006, p. 342).

Partindo do pressuposto de que os fins dos indivíduos são constitutivos de suas identidades, a incerteza gera insegurança para a identidade dos atores em questão. Por esse motivo, os indivíduos são levados a criar certezas cognitivas e comportamentais através do estabelecimento de rotinas (Mitzen 2006, p. 342) como forma de lidar com suas ansiedades. Nesse sentido, recordar uma narrativa reconfortante acerca do “passado” é um recurso tanto para tornar o presente mais tranquilizador como para servir como base ou roteiro para o que deve ser feito no futuro (Steele e Homolar 2019, p. 216). Desta forma, é possível notar a interação complexa existente entre narrativa e memória no contexto da segurança ontológica: “[...] OST literature has long engaged with questions of how narratives shape not only the Self, and who gets to belong, but also the Other and who gets excluded. Narrative, from the perspective of ontological security, is seen as sense-making device that allows conceptions of stable selfhood to be projected, even protected, across time and space [...]” (Steele e Homolar 2019, p. 216).

Entretanto, partindo de uma análise que leve em consideração a dimensão política das identidades, a concepção de um “eu” estável ou completo é um ponto que deve ser problematizado. Nesse sentido, Eberle (2019) enfatiza as problemáticas existentes em promover a ideia de segurança ontológica como ideal, argumentando em favor da necessidade de resistir à noção de fechamento que o conceito traz para que possamos analisar os efeitos excludentes e opressivos que a segurança ontológica de determinados grupos ou indivíduos pode ter sobre outros (Eberle 2019, p. 3), levando em consideração o quão imbricadas essas identidades se encontram com relações de poder e dominação. Avançando esse movimento de crítica e complexificação do conceito, Eberle parte de uma abordagem psicanalítica para localizar segurança ontológica como um dos elementos constituintes de uma fantasia, entendendo que fantasias são tipos de narrativas que visam proteger seu público-alvo de ansiedades através da negação da ambiguidade ou complexidade de uma dada situação, alimentando nos indivíduos uma “voracidade por certeza” ao oferecer a falsa segurança de uma escolha objetiva entre duas - e apenas duas - opções, colocadas como uma espécie de conflito existencial entre “bem” e “mal” onde não

resta espaço para a dúvida (Eberle 2019, p. 8). Segundo o viés psicanalítico lacaniano adotado pelo autor, esse fechamento oferecido pela fantasia, que pressupõe a possibilidade de erradicar ambiguidades e construir certezas é, por si só, problemático, argumentando que este visa mascarar a natureza necessariamente incerta e incompleta tanto dos sujeitos como da própria realidade ou da forma como estes são capazes de entendê-la.³ Então, se por um lado a abordagem psicanalítica acerca das fantasias não é o enfoque do presente artigo, por outro, ela elucida o quanto pensar segurança ontológica enquanto ideal universal não é uma opção viável e, para além disso, pode ser um movimento despolitizante quando pensamos identidades necessariamente sobrepostas intrinsecamente às relações de poder.⁴

Concluindo essa breve contextualização acerca da base teórica que visio mobilizar, a relação entre segurança e identidades é entendida aqui como fundamental para uma análise pertinente do contexto estadunidense. Parafraseando Buzan, Wæver e de Wilde (1998, p. 23), a securitização de migrantes ou identidades “outras” depende apenas da perspectiva que um determinado grupo possui em relação à constituição e à manutenção de sua identidade coletiva. Por esse motivo, uma linguagem, um conjunto de hábitos e costumes, ou mesmo uma concepção de pureza étnica são todos elementos que podem ser colocados ou enunciados em termos de sobrevivência. Nesse sentido, o presente trabalho visa contribuir para uma dimensão pouco explorada nos estudos de segurança ontológica: especificamente, a possibilidade de agentes políticos terem como alvo a busca de indivíduos ou grupos por segurança ontológica, instrumentalizando essa busca a fim de obter ganhos políticos ao construir, por exemplo, narrativas de crise e de ameaças existenciais como forma de validar suas reivindicações ao poder.

Trump, identidades e (in)segurança ontológica

Nesta seção, visio explorar o imaginário de segurança possibilitado e incentivado por Donald Trump, bem como o papel fundamental do discurso dentro dele e sua mobilização de grupos e imagens específicas. Homolar e Scholz (2019) identificam a singularidade da estratégia retórica do 45º presidente estadunidense, baseada no exagero dos problemas dos Estados Unidos, na crítica ao

³Para mais acerca da abordagem Lacaniana à segurança ontológica em Relações Internacionais, ver Kinnvall (2018).

⁴Ver Rossdale (2015).

“estabelecimento”⁵ e a divisão entre as esferas interna e externa numa dicotomia familiar de “nós” contra “eles”, compondo uma espécie de política de reafirmação supostamente capaz de oferecer segurança, tanto física e material como ontológica, em tempos de crise: “At the heart of ‘Trump-speak’ is a politics of reassurance, which relies upon a three-fold rhetorical strategy: it tells audiences what is wrong with the current state of affairs; it identifies the political agents that are responsible for putting individuals and the country in a state of loss and crisis; and it offers an abstract pathway through which people can restore past greatness by opting for a high-risk outsider candidate. For many Trump voters, rational arguments or detailed policy proposals pale in comparison with the emotive pull and self-affirmation of an us-versus-them crisis narrative [...]. In short, ‘Trump-speak’ relies on creating the very ontological insecurity that it promises to eradicate for political gain.” (Homolar e Scholz 2019, p. 360, ênfase adicionada).

Aqui, o argumento acerca da *criação* de insegurança ontológica como estratégia política é de particular relevância. Isso porque, se por um lado a noção de uma crise do (ou dentro do) neoliberalismo⁶ é um ponto importante para entendermos inseguranças materiais que acometem indivíduos de maneira geral, essa insegurança não se traduz necessariamente em insegurança ontológica. Esse movimento, dentro do contexto estadunidense, é explicado por Löfflmann (2022): “[...] the analytical framework of a populist security imaginary reveals how the ontological reassurance of voters and their rhetorical validation has elevated the working class and non-college-educated core constituencies of Donald Trump in the American heartland to the status of sole relevant representatives of ‘real America’ and American democracy. The fears and anxieties prevalent among these constituencies about foreign economic competition, violent crime, mass migration, terrorism, cultural displacement, and political marginalisation, were thereby framed as the ontological insecurities of the nation itself [...]” (Löfflmann 2022, p. 545).

Assim, se por um lado existem ansiedades que antecedem o imaginário de segurança específico invocado por Trump, entende-se aqui que estas são

enquadradas e mobilizadas de maneira singular através de sua narrativa.⁷

Nesse sentido, Homolar e Scholz (2019) argumentam que, ao construir um aparato retórico em torno da exacerbação de rancores existentes e a ênfase de uma perspectiva de ruptura e derrota, Trump gerou insegurança ontológica, que se manifesta através de sensações de perda e desejo de pertencimento. A noção de rancores pré-existentes é igualmente importante, pois remete a um contexto estadunidense atravessado por questões de racismo e xenofobia onde, se por um lado esses posicionamentos são mobilizados e mesmo incentivados por Trump, eles também o precedem. Brown (2019, p. 13) coloca, por exemplo, que o novo populismo de extrema direita age justamente sobre a ferida do privilégio destronado daqueles beneficiados pela branquitude, pela cristandade, masculinidade e heterossexualidade, invocando a imagem de um passado mítico marcado pela prevalência desses privilégios e um anseio pelo retorno a esse momento, independente do quão questionável seja a sua existência.⁸ Novamente, esse é um ponto onde abordagens à segurança que pressupõem atores racionais e calculistas necessariamente falham em explicar contextos onde o valor simbólico e afetivo das reivindicações políticas superam sua praticabilidade ou sua precisão histórica.

Quanto ao papel da retórica sobre essas ansiedades pré-existentes, uma linguagem divisiva que demarca fronteiras e inimigos de maneira clara são ferramentas importantes para a construção do imaginário almejado por Trump: “To conjure a picture of American ‘carnage’, Donald Trump relied upon a language of division. His presidential campaign speeches constructed vivid images of who gets to belong and who gets to be excluded, of who is strong and who is weak and of who is a winner and who is a loser. The ‘others’ that Trump consistently framed both as responsible for America’s state of crisis and as diametrically opposed to Trump himself and the American people consist of two sets of social actors: (1) the weak, self-serving and detached ‘establishment’; and (2) foreigners who either flow into the country or lead countries that want to exploit the US for economic and security reasons.” (Homolar e Scholz 2019, p. 351).

⁵Apesar do termo “establishment” ter sentidos variados em contextos distintos, aqui entendo a palavra como usada por Trump majoritariamente durante o processo de campanha eleitoral para se referir à então elite política contra a qual ele reitera sua oposição, usando o termo de forma pejorativa para se referir à sua oponente Hillary Clinton, por exemplo.

⁶Ver, por exemplo, Brown (2018; 2019).

⁷Em seu artigo “The power of Trump-speak: populist crisis narratives and ontological security”, Homolar e Scholz conduzem uma análise acerca da retórica de Trump e identificam como um de seus elementos centrais o que os autores chamam de “crisis-talk”, que consiste num discurso focado em reiterar crises e invocar imagens de derrota, crise e perda generalizada. Pensando nos termos da teoria da securitização, podemos entender esse recurso retórico como o enquadramento de um objeto referente sob ameaça existencial.

⁸Brown também aborda essa temática em “Neoliberalism’s Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty-First Century ‘Democracies’ (Brown 2018).

Aqui, o próprio entendimento estrangeiros ou imigrantes enquanto responsáveis pelo cenário de crise interna suposto por Trump já evoca imagens amplamente difundidas em sua administração da fronteira como um local de violação do âmbito interno da nação por parte do outro, bem como a promessa do ex-presidente de construção de um muro na divisa com o México. Esse é um ponto profundamente interessante do discurso Trump, que merece um artigo por si só, mas que apresento apenas brevemente aqui como forma de contextualizar a discussão e as imagens e imaginários evocados pelos discursos de (in)segurança a serem trabalhados nas próximas seções. Nesse sentido, Brown (2010) argumenta, por exemplo, que os muros construídos no século 21 não são meramente barreiras físicas, mas performances simbólicas que abordam e representam anseios populares pelo declínio do poder soberano do Estado. Além disso, os muros também podem “funcionar” para produzir significado político e afeto político (Callahan 2018, p. 458), provocando sentimentos de reafirmação e segurança no “dentro”, que passa a ser percebido como protegido do “fora” anárquico e seus perigos, trabalhando assim ao nível da segurança ontológica.

No cerne desse imaginário, alguns elementos ficam claros: a presença de um objeto referente entendido como “América”, mas que não necessariamente inclui todos os cidadãos dos Estados Unidos da América, e a presença de ameaças concretas a esse objeto. Ao traçar uma linha não ambígua entre o “dentro” e o “fora”, esse tipo de narrativa de segurança (re)cria aquilo que determinada comunidade imagina ser admirável e desejável, ao mesmo tempo em que possibilita que ela reflita sobre seus medos e concepções de desvio (Hollar 2021, p. 11). Desta maneira, a narrativa de Trump enquanto protetor do povo teve como alvo um eleitorado branco da classe trabalhadora e sem ensino superior no coração dos Estados Unidos, ampliando a polarização partidária e a divisão interna para ganhos políticos (Löfflmann 2022, p. 545). Löfflmann (2022) caracteriza isso como um processo de criação de um imaginário de segurança populista com relações profundas com o conceito de segurança ontológica: “A populist security imaginary produces a reframing of national identity through affective appeals and narratives that parochialise the national Self, conflating it with the ontological insecurities of populist voters, while significantly expanding the category of the threatening Other to include political opponents, the press and media, courts and institutions, the national security establishment, and civil rights groups as ‘enemies of

the people’.” (Löfflmann 2022, p. 544).

Pensando esse imaginário nos termos da teoria da securitização, é possível localizar a enunciação de uma ameaça, personificada principalmente pela figura do imigrante ilegal e secundariamente pela elite política estadunidense (o *establishment*), como veremos nas próximas seções ao analisar diretamente alguns dos discursos de Trump. Aqui, argumento que essa enunciação, carregada de peso político e simbólico, visa remover o tema da migração da esfera do que entendemos como a política normal, elevando-o ao âmbito da segurança, onde políticas de exceção sujeitas a menor influência democrática podem ser implementadas para lidar com uma ameaça existencial à coesão e segurança do que se entende como a verdadeira “América”.⁹ Em outras palavras, entende-se a securitização populista como prática discursiva que propaga uma política de medo, urgência e excepcionalidade para mobilizar “o povo” contra uma elite “perigosa” e normalizar essa divisão antagônica do espaço social (Wojczewski 2020, p. 5).

Concluindo, a força do nacionalismo nesse sentido vem justamente de sua capacidade de transmitir unidade, segurança e inclusividade em tempos de crise. Ao transmitir essas crenças, uma ideia de “lar” é produzida enquanto um local onde subjetividades podem ser ancoradas e securitizadas, oferecendo proteção e segurança em relação ao estranho, ao “outro-abjeto”. Dessa forma, o nacionalismo, agindo sobre identidades, é capaz de elevar a segurança ontológica e minimizar ansiedades existenciais (Kinnvall 2004, pp. 762–763). Assim, o imaginário de segurança (Löfflmann 2022) enunciado por Trump demonstra uma relação íntima entre nacionalismo, discurso, (in)segurança ontológica e securitização. Com isso em mente, e visando evidenciar a relação entre teoria e empiria, as próximas seções são dedicadas à análise de dois discursos emblemáticos de Donald Trump, escolhidos por seu enfoque no que o 45º presidente entendia então como as principais ameaças a serem enfrentadas por sua administração.

Discursos: Inaugural Address

O Inaugural Address é o discurso inaugural da presidência dos Estados Unidos da América, proferido publicamente após um juramento solene através do qual o novo presidente toma posse do cargo e se compromete a executar suas atribuições, bem como preservar, proteger e defender a constituição estadunidense. No caso de Trump, o discurso acon-

⁹Para uma visão mais detalhada do processo de securitização, ver Buzan, Wæver e Wilde (1998).

teceu em 20 de Janeiro de 2017, e possui vídeo e transcrição disponíveis na base de dados dedicada a discursos presidenciais do *Millner Center*, organização apartidária afiliada da Universidade de Virgínia, especializada em políticas públicas e história política (Trump 2017). Nesse primeiro discurso de sua administração, a narrativa divisiva que marcou sua campanha presidencial é reafirmada, trazendo consigo dois pontos principais a serem analisados: (i) a descrição da conjuntura social e política do país naquele momento como um cenário de crise, desemprego e insegurança generalizados, e (ii) a definição de uma ameaça interna, manifesta na figura do *establishment* político estadunidense.¹⁰

Começando com um chamado à ação que se desenvolve ao longo de sua fala, o então presidente clama por uma reconstrução do país com o objetivo de restaurar a promessa norte-americana para todos (Trump 2017), evocando a imagem de um passado próspero ainda que distante, ao qual o retorno ainda é possível. Assim, se por um lado o passado e o futuro a ser construído parecem prósperos, a presente conjuntura deixada pela administração Obama é colocada em termos catastróficos: “For too long, a small group in our nation’s Capital has reaped the rewards of government while the people have borne the cost. Washington flourished – but the people did not share in its wealth. Politicians prospered – but the jobs left, and the factories closed. The establishment protected itself, but not the citizens of our country. Their victories have not been your victories; their triumphs have not been your triumphs; and while they celebrated in our nation’s Capital, there was little to celebrate for struggling families all across our land. That all changes – starting right here, and right now, because this moment is your moment: it belongs to you.” (Trump 2017).

Retomando o segundo ponto, a crítica à elite política identificada por Trump é, como citado na seção anterior, um elemento fundamental para a sua reivindicação ao poder, e destaca o apelo emotivo de narrativas de segurança que criam percepções de inimizade e ameaças através de uma estrutura dualística (Homolar 2021, p. 2). Desta forma, a elite política é responsabilizada por questões urgentes à população americana e que impediriam diretamente o seu retorno à prosperidade. Dentre os problemas mais imediatos, são citados: o empobrecimento da indústria estadunidense, o enfraquecimento do exército, a fragilidade das fronteiras, decaimento da infraestrutura nacional, o desaparecimento da fortuna, força e confiança do país, o fechamento de fábricas levando ao desemprego generalizado e, por fim, a tomada da riqueza da classe

média norte americana, que o ex-presidente argumenta então ter sido distribuída ao redor do mundo (Trump 2017).

Em contraste com esse cenário aterrador, há um chamado claro à ação e a um olhar para o futuro onde a “América” (ou o que se entende enquanto tal) é colocada em primeiro lugar, seguindo o *slogan* da campanha de Trump, “*America First*”. Aqui, alguns pontos são destacados como fundamentais para atingir esse futuro seguro e desejável, que seria construído exclusivamente para beneficiar trabalhadores e famílias estadunidenses. Primeiramente, temos a colocação “We must protect our borders from the ravages of other countries making our products, stealing our companies, and destroying our jobs. Protection will lead to great prosperity and strength” (Trump 2017), que é uma das poucas menções acerca de uma ameaça externa, que será retomada e trazida para o centro da narrativa no discurso analisado na seção seguinte.

Além disso, vale destacar algumas outras soluções propostas pelo então presidente: “We will follow two simple rules: Buy American and Hire American. We will seek friendship and goodwill with the nations of the world – but we do so with the understanding that it is the right of all nations to put their own interests first. [...] We will be protected by the great men and women of our military and law enforcement and, most importantly, we are protected by God.” (Trump 2017).

Essas colocações importam para uma análise de segurança não apenas pelo que elas propõem por si só, mas pela forma como essas propostas são colocadas. Em outras palavras, as asserções de Trump em seu discurso inaugural são um exemplo claro de uma narrativa de segurança construída sobre uma estrutura de enredo carregado emocionalmente, girando em torno da experiência de apreensão do público ao recebê-la, gerando tensão e ansiedade ao sinalizar incertezas e perda de controle (Homolar 2021, p. 10), uma estrutura familiar quando lida em termos de inseguranças ontológicas e a forma como elas frequentemente são criadas, aprofundadas ou incentivadas com fins políticos.

Por fim, o discurso é finalizado com convocações à união, ao patriotismo e ao orgulho nacional, com a promessa clara de que a “América” não seria mais ignorada em sua administração, remetendo a uma identidade coletiva estadunidense como saída ou remédio à crise deixada pelo governo anterior. Aqui, o cenário de crise e a reafirmação da identidade conversam intimamente entre si: como bem elucida Kinnvall (2004, p. 742), quando sentem ansiedade existencial e vulnerabilidade, não é incomum que

¹⁰Para uma abordagem pós-estruturalista focada especificamente na relação com o *establishment*, ver Wojczewski (2020).

os indivíduos busquem reafirmar uma identidade própria que está sob ameaça, e qualquer identidade coletiva capaz de prover esse tipo de segurança é um polo de atração em potencial. Assim, temos um cenário saturado de emoções onde figuras de destaque como líderes políticos buscam reunir pessoas ao redor de causas simples, como a religião e o nacionalismo.

Discursos: State of the Union Address

O segundo discurso a ser analisado à luz das teorias de segurança ontológica e da securitização foi proferido em 30 de Janeiro de 2018, pouco mais de um ano depois da mensagem inaugural de Trump. O State of the Union Address é uma comunicação entre o Presidente e o Congresso em que o chefe do Executivo relata as condições atuais dos Estados Unidos e apresenta propostas para o próximo ano legislativo, delineando a agenda política de sua administração. Além disso, é comum que os presidentes utilizem-se do discurso para aumentar a atenção da mídia para questões específicas de acordo com seus interesses (Shogan 2015). Nessa ocasião, Donald Trump apresenta um discurso que entrelaça a celebração das conquistas de sua administração e de indivíduos considerados heróis americanos¹¹ com um chamado urgente a uma ameaça distinta da analisada no discurso anterior. Se no dia de sua posse o obstáculo principal a ser superado era o establishment político estadunidense, agora, após o primeiro ano de sua administração, o foco é redirecionado para um outro entendimento de ameaça, cujo enquadramento enquanto tal marcou grande parte de sua campanha à presidência: a imigração.

Durante grande parte de sua fala, o então presidente celebra as medidas tomadas por sua administração no último ano e as conquistas da mesma, bem como saúda convidados que ele descreve como heróis americanos ao contar suas histórias de superação, alegando que: “Over the last year, we have made incredible progress and achieved extraordinary success. We have faced challenges we expected, and others we could never have imagined. We have shared in the heights of victory and the pains of hardship. We endured floods and fires and storms. But through it all, we have seen the beauty of America’s soul, and the steel in America’s spine. Each test has forged new American heroes to remind us

who we are, and show us what we can be.” (Trump 2018, ênfase adicionada).

Dentre essas figuras destacadas, temos civis, militares, oficiais da guarda costeira, bombeiros, policiais do capitólio, pequenos empreendedores, veteranos de guerra e demais indivíduos cujas histórias o ex-presidente saúda através de um discurso de união e patriotismo onde o país é frequentemente descrito como uma família, com heróis comprometidos com a defesa da esperança, do orgulho e do modo de vida americano (“*American way*”) (Trump 2018). Por fim, a referência a valores e ideais compartilhados é retomada quando o então presidente fala sobre a própria criação dos Estados Unidos: “It was a small cluster of colonies caught between a great ocean and a vast wilderness. But it was home to an incredible people with a revolutionary idea: that they could rule themselves. That they could chart their own destiny. And that, together, they could light up the world. That is what our country has always been about. That is what Americans have always stood for, always strived for, and always done.” (Trump 2018).

Pensando essas colocações iniciais através das lentes da segurança ontológica, podemos localizar uma narrativa emocionalmente carregada remetendo a um passado imaginado através da reconstrução de símbolos e pontos de referência culturais comuns, que é usada em resposta aos efeitos desestabilizadores de mudanças no âmbito global, especialmente em termos de mobilidade e migração. Em outras palavras, é uma narrativa que almeja recuperar um senso de segurança perdido (Kinnvall 2004, p. 744). Um outro ponto focal do discurso é o plano de reforma do sistema de migração estadunidense proposto pela administração Trump, descrito como uma reforma crítica a ser acordada de maneira bipartidária entre Democratas e Republicanos, e que é delineada em quatro pilares: (i) o primeiro pilar envolve oferecer um caminho à cidadania para mais de um milhão de imigrantes que residiam no país ilegalmente desde a infância, contanto que atendessem a determinados requisitos de trabalho, educação e demonstrassem bom caráter moral; (ii) o segundo pilar tem como objetivo o resguardo da fronteira: “That means building a wall on the Southern border, and it means hiring more heroes [...] to keep our communities safe. Crucially, our plan closes the terrible loopholes exploited by criminals and terrorists to enter our country — and it finally ends the dangerous practice of ‘catch and

¹¹Aqui, a figura do herói frequentemente evocada pelo ex-presidente é elaborada por Homolar (2021), quando a autora se debruça novamente sobre o aparato discursivo Trumpista.

release’.”¹² (Trump 2018).

Aqui, a proposta da construção de um muro na fronteira com o México, muito presente durante a campanha de Trump, é retomada como uma solução para o terrorismo e a criminalidade, traçando assim uma relação direta entre migração e insegurança pública. Em seguida, o próximo pilar (iii) propõe avançar em direção a um sistema de imigração baseado em mérito, visando admitir a entrada apenas para “pessoas qualificadas, que desejam trabalhar, que contribuirão com nossa sociedade e que amarão e respeitarão nosso país” (Trump 2018, tradução livre).

Por fim, o último pilar (iv) visa o fim do fenômeno da migração em cadeia (“*chain migration*”): “Under the current broken system, a single immigrant can bring in virtually unlimited numbers of distant relatives. Under our plan, we focus on the immediate family by limiting sponsorships to spouses and minor children. This vital reform is necessary, not just for our economy, but for our security, and our future. In recent weeks, two terrorist attacks in New York were made possible by the visa lottery and chain migration. In the age of terrorism, these programs present risks we can no longer afford.” (Trump 2018, ênfase adicionada).

Esse é um ponto particularmente ilustrativo do caráter securitizador do discurso de Trump acerca da imigração, baseado na utilização de termos como “segurança”, “terrorismo” e “risco” para descrever a imigração ilegal não apenas como uma questão a ser resolvida, mas como uma ameaça existencial a ser combatida, com ligação direta ao terrorismo e à insegurança pública. Segundo Kinnvall (2004, p. 755), o processo onde o outro é transformado em inimigo pode ser caracterizado como uma tentativa de securitizar a subjetividade em tempos de incerteza. Dentro desse processo, o “eu” e o “outro”¹³ passam a ser vistos como corpos essencializados, reduzidos a determinadas características culturais que, apesar de fabricadas, passam a ser vistas como atributos naturais e unificados de cada grupo.

Nesse sentido, é interessante pensar os processos discursivos através dos quais a suposta identidade da nação estadunidense continua a ser reificada e reiterada através de promessas de completude e homogeneidade ou, em outras palavras, de segurança, ontológica ou não, baseando-se fortemente em dico-

tomias. A identidade nacional aqui mobilizada, em outras palavras, depende e reitera essas dicotomias, de forma que a imagem de linhas claramente demarcadas entre esferas e indivíduos distintos prevalece como uma ambição normativa da vida política moderna (Walker 2006, p. 57), isso por que como bem argumenta Walker (1993), a distinção tradicional entre dentro e fora em Relações Internacionais marca a separação entre a política doméstica e a internacional não apenas territorialmente, mas também socialmente. Desta forma, o “dentro” vem a representar segurança, coesão e soberania, enquanto o “fora” carrega um imaginário repleto de símbolos de anarquia e violência.

Em grande parte da retórica de Trump, estrangeiros são descritos como os líderes “fortes” de países que ajudaram a empurrar os Estados Unidos para o declínio econômico ou como indivíduos “ruins” que fluem para o país, ameaçando os empregos e a segurança física dos americanos (Homolar e Scholz 2019, p. 352). Assim, na narrativa construída por Trump acerca de uma “América” em crise, os estrangeiros que cruzam a fronteira servem como culpados por trás da deterioração econômica do país, bem como a perda de segurança individual e coesão social de seus cidadãos, alimentando ansiedades entre seu público sobre a ideia de diferença (Homolar e Scholz 2019, p. 352-353). Através desse enquadramento, o “outro” estrangeiro associado à criminalidade urbana e ao terrorismo é entendido como uma ameaça a ser combatida através de políticas de exceção, que podem incluir um leque de práticas desde a reforma do sistema migratório do país à construção de um muro de mais de 3 mil quilômetros na fronteira sul do país.

Em outras palavras, o imigrante é enunciado em termos de segurança como uma ameaça à segurança física e ontológica da “América” de Trump de maneira tão crítica que requer uma reforma completa no sistema de migração estadunidense. Ao apelar para sentimentos de ansiedade econômica, alienação cultural, insegurança pessoal, ressentimento nativista e xenofobia, Trump foi capaz de manter um nível de apoio de mais de 40% do eleitorado estadunidense por sua agenda política “*America First*”, mantendo níveis de aprovação de mais de 80% dos eleitores republicanos durante a maior parte de sua presidência (Dunn 2020). Li-

¹²“Catch and release” se refere à prática de liberar um migrante para a comunidade enquanto ele aguarda as audiências no tribunal de imigração, como uma alternativa a mantê-lo em detenção durante esse processo. Apesar disso, durante a administração Trump, muitos migrantes permaneceram em centros de detenção, acerca dos quais há relatos incontáveis de violações aos direitos humanos e condições de vida precárias, incluindo denúncias de assédio ou abuso sexual, tratamento médico inadequado, greves de fome, uso de confinamento solitário, denúncias do uso de força física contra os detidos e casos de morte e suicídio (ver, por exemplo, Bonfiglio et al. (2020) e Gomez (2019)).

¹³Para uma abordagem mais elaborada teoricamente acerca dessa dicotomia e seu papel produtivo, bem como crítica às bases tradicionais e eurocentradas da disciplina de Relações Internacionais e sua falha em confrontar o “problema da diferença”, ver Inayatullah e Blaney (2004).

dos através da lente da teoria de securitização, que argumenta que o processo de securitização não é completo até que uma audiência o aceite como tal, esses dados demonstram o sucesso do movimento securitizador de Trump para com seu público alvo, cujas inseguranças ontológicas foram representadas em seus discursos como as inseguranças da própria nação (Löfflmann 2022, p. 545).

Conclusão

Concluindo, o presente artigo tenciona contribuir para uma dimensão pouco explorada dos estudos de segurança ontológica, considerando a possibilidade de agentes políticos lidarem com situações de crise, supostas ou não, visando legitimar suas reivindicações de liderança (Homolar e Scholz 2019, p. 357), utilizando-se da dimensão interpretativa intrínseca à definição de ameaças e perigos. Através da análise dos discursos, é possível identificar o processo de securitização enunciado por Donald Trump, onde a segurança ontológica da “América” é narrada como elemento sob ameaça existencial devido à alegada negligência do *establishment* político estadunidense e a políticas de migração consideradas obsoletas, cuja permissividade supostamente expunha os cidadãos estadunidenses a uma série de perigos trazidos pelos imigrantes, como o desemprego, insegurança pública, criminalidade urbana e atentados terroristas, além da insegurança de suas próprias identidades enquanto estadunidenses.

Levando em consideração os dados estatísticos referentes à taxa de aprovação do governo Trump durante os primeiros anos de seu mandato, o movimento securitizador realizado pelo ex-presidente é integralizado, havendo expressiva concordância de seu eleitorado em relação às políticas de exceção mobilizadas por sua administração, que incluíram uma reforma do sistema de migração estadunidense e, socialmente, refletiram num aprofundamento de sentimentos de divisão e xenofobia, além do amplamento da polarização partidária e divisão interna. Nesse contexto, os medos e ansiedades de grupos específicos foram enquadrados como as inseguranças ontológicas da própria nação (Löfflmann 2022, p. 3), de forma que essa insegurança pôde ser manejada visando ganhos políticos através de narrativas carregadas emocionalmente que declaravam uma situação de crise generalizada no país, com problemas, culpados, vítimas e soluções claras. Ao declarar um contexto dicotômico, o discurso de Trump apelou para o sentimento de insegurança on-

tológica de seus eleitores, bem como sua sensação de alienação e perda de privilégios, recrutando-os enquanto coletivo com reivindicações e uma identidade específica, altamente imbricada com relações de poder que nos levam à necessidade de problematizar a ideia de segurança ontológica como um ideal, ainda que, enquanto conceito, ela seja essencial para a análise da era Trump, onde o valor simbólico e afetivo das reivindicações políticas não pode ser ignorado.

Referências

- Bonfiglio, Genna et al. (2020). “The long journey inside immigration detention centres in the USA”. Em: *Journal of Travel Medicine* 27.7, taaa083.
- Brown, Wendy (2010). *Walled states, waning sovereignty*. New York: Zone Books.
- (2018). “Neoliberalism’s Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty-First Century ‘Democracies’”. Em: *Critical Times* 1.1, pp. 60–79.
- (2019). *In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West*. New York: Columbia University Press.
- Buzan, Barry, Ole Wæver e Jaap de Wilde (1998). *Security: a new framework for analysis*. Boulder, Colo: Lynne Rienner Pub.
- Callahan, William A. (2018). “The politics of walls: Barriers, flows, and the sublime”. Em: *Review of International Studies* 44.3, pp. 456–481.
- Campbell, David (1998). *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Dunn, Amina (2020). *Trump’s approval ratings so far are unusually stable: And deeply partisan*. Pew Research Center. URL: <https://pewrsr.ch/2LLo3U4> (acesso em 22/07/2022).
- Eberle, Jakob (2019). “Narrative, desire, ontological security, transgression: fantasy as a factor in international politics”. Em: *Journal of International Relations and Development* 22.1, pp. 243–268.
- Giddens, Anthony (1991). *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press.
- Gomez, Alan (2019). *Deaths in custody. Sexual violence. Hunger strikes. What we uncovered inside ICE facilities across the US*. USA Today, 19/12/2019. URL: <https://www.usatoday.com/in-depth/news/nation/2019/12/19/ice-asylum-under-trump-exclusive-look-us-immigration-detention/4381404002/> (acesso em 20/07/2022).

- Homolar, Alexandra (2021). "A call to arms: Hero-villain narratives in US security discourse". Em: *Security Dialogue*, junho 2021.
- Homolar, Alexandra e Ronny Scholz (2019). "The power of Trump-speak: populist crisis narratives and ontological security". Em: *Cambridge Review of International Affairs* 32.3, pp. 344–364.
- Howell, Alison e Melanie Richter-Montpetit (2020). "Is securitization theory racist? Civilizationism, methodological whiteness, and antiblack thought in the Copenhagen School". Em: *Security Dialogue* 51.1, pp. 3–22.
- Inayatullah, Naeem e David L. Blaney (2004). *International relations and the problem of difference*. New York: Routledge.
- Kinnvall, Catarina (2004). "Globalization and Religious Nationalism: Self, Identity, and the Search for Ontological Security". Em: *Political Psychology* 25.5, pp. 741–767.
- (2018). "Ontological Insecurities and Postcolonial Imaginaries: The Emotional Appeal of Populism". Em: *Humanity & Society* 42.4, pp. 523–543.
- Laing, Ronald David (1990). *The divided self: an existential study in sanity and madness*. London: Penguin Books.
- Löffmann, Georg (2022). "Enemies of the people': Donald Trump and the security imaginary of America First". Em: *The British Journal of Politics and International Relations* 24.3, pp. 543–560.
- Mitzen, Jennifer (2006). "Ontological Security in World Politics: State Identity and the Security Dilemma". Em: *European Journal of International Relations* 12.3, pp. 341–370.
- Moffette, David e Shaira Vadasaria (2016). "Uninhibited violence: race and the securitization of immigration". Em: *Critical Studies on Security* 4.3, pp. 291–305.
- Rossdale, Chris (2015). "Enclosing Critique: The Limits of Ontological Security". Em: *International Political Sociology* 9.4, pp. 369–386.
- Shogan, Colleen J. (2015). *The President's State of the Union Address: Tradition, Function, and Policy Implications*. Congressional Research Service, 16/01/2015. URL: <https://sgp.fas.org/crs/misc/R40132.pdf> (acesso em 15/07/2022).
- Steele, Brent J. e Alexandra Homolar (2019). "Ontological insecurities and the politics of contemporary populism". Em: *Cambridge Review of International Affairs* 32.3, pp. 214–221.
- Trump, Donald J. (2017). *Inaugural Address*. Presidential Speeches, 20/01/2017, Millner Center, University of Virginia. URL: <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-2017-inaugural-address> (acesso em 03/06/2022).
- (2018). *State of the Union Address*. Presidential Speeches, 30/01/2018, Millner Center, University of Virginia. URL: <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-30-2018-state-union-address> (acesso em 03/06/2022).
- Wæver, Ole (1995). "Securitization and desecuritization". Em: *On Security*. Ed. por Ronnie D. Lipschutz. New York: Columbia University Press, pp. 46–86.
- Walker, Rob (1993). *Inside/outside: international relations as political theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (2006). "The Double Outside of the modern international". Em: *Ephemera* 6.1, pp. 56–69.
- Wojczewski, Thorsten (2020). "Enemies of the people': Populism and the politics of (in)security". Em: *European Journal of International Security* 5.1, pp. 5–24.